

Domingo XII do Tempo Comum - Ano C – 22 junho 2025



Viver a Palavra

«Um dia, Jesus orava sozinho, estando com Ele apenas os discípulos».

O Evangelho de S. Lucas coloca muitas vezes Jesus em oração, de tal modo que alguns autores o intitulam de «Evangelho da oração». A comunhão de amor que Ele vive com o Pai manifesta-se de tal modo na sua oração, que os discípulos hão de pedir a Jesus que lhes ensine a rezar. Deveria ser fascinante ver Jesus a rezar. Contemplar aquele diálogo de amor que na força do Espírito Santo, Amor que envolve o Pai e o Filho, se tornava como que epifania da Trindade.

Esta comunhão de amor torna-se assim o ambiente onde a nossa oração pessoal e comunitário se deve desenvolver. A verdadeira oração cristã é aquela que se dirige ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Deste modo, rezar é frequentar a escola do amor e ler a vida, o tempo e a história com o olhar misericordioso de Deus que se revela de modo pleno na entrega do Filho e se perpetua pela força do Espírito.

Repetidas vezes escutamos que Jesus aparece em oração nos momentos mais decisivos da Sua vida, contudo, como afirma Luciano Manicardi, «a oração de Jesus torna decisivos os momentos do seu viver». Assim há de suceder connosco: deixaremos de olhar para a oração como um rito mágico onde apresentamos a Deus os motivos do nosso orar e haveremos de converter a nossa vida cristã numa vida orante, que torna decisivos os diversos momentos do nosso viver, na totalidade da nossa vida, tal qual ela se apresenta. A verdadeira oração cristã não é aquela que se realiza até que Deus nos ouça, mas aquela que se desenvolve para que em nós ressoe a voz de Deus e possamos escutar o silencioso sussurrar do Seu amor.

Depois deste momento de oração e intimidade, Jesus dirige-se aos Seus discípulos e interpela-os sobre a Sua identidade. Inicialmente parece uma sondagem da opinião pública: «*Quem dizem as multidões que Eu sou?*». Porém, as interpelações de Jesus são muito mais profundas e na revelação da Sua identidade como Aquele que deve sofrer e dar a vida, Jesus revela também aquela que há de ser a missão e a identidade daqueles que O querem seguir: «*Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz todos os dias e siga-Me. Pois quem quiser salvar a sua vida, há de perdê-la; mas quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á*».

Como publicitário estava reprovado, pois ao invés de anunciar um conjunto de soluções imediatas e sucessos aparentes, Jesus, com os pés bem assentes na realidade e consciente da fragilidade e contingência da nossa humanidade, convida-nos a abraçar os desafios e obstáculos da vida a partir desta nova lógica do Evangelho de que a vida é tanto mais nossa quanto mais for dos outros, de que a vida é verdadeiramente vida quando entregue sem medida. Jesus não é um masoquista que nos convida a abraçar o sofrimento pelo sofrimento, mas convida-nos a abraçar o amor que o fez ir até à Cruz! Jesus não abraça a cruz porque quer sofrer muito, mas porque nos ama muito.

Nesta passagem de Lucas, diversamente das outras passagens paralelas deste texto, Jesus junta ao desafio de tomar a cruz a expressão «*todos os dias*», para fazer ecoar no nosso coração a certeza de que o amor de que a cruz é sinal deve plasmar todos os nossos dias e configurar toda a nossa existência. Deste modo, como Paulo já não nos saberemos dizer sem dizer Jesus Cristo e sem recordar que a Sua vida ressuscitada é a chave de leitura de toda a nossa vida: «*todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, porque todos vós, que fostes batizados em Cristo, fostes revestidos de Cristo*». *in Voz Portucalense*

+++++

Este mês de junho é marcado pelas festas dos Santos Populares que enchem as nossas terras de alegria, música e comemorações típicas. Na verdade, a celebração das festas dos santos deve ser sempre marcada pela alegria e pela festa, pois recordamos o testemunho gaudioso daqueles que seguiram a Cristo de todo o coração. Contudo, a Liturgia da Palavra deste Domingo recorda que o seguimento de Jesus se faz abraçando a nova lógica

do Reino, abraçando a cruz e oferecendo generosamente a nossa vida. A alegria e a felicidade cristã não se constroem pela ausência de dificuldades e obstáculos, mas abraçando a totalidade da nossa vida como lugar de seguimento do Mestre. Deste modo, acolhendo os desafios da Liturgia da Palavra deste Domingo, esta celebração pode constituir-se como oportunidade para recordar que os santos que celebramos entre gestos e tradições festivas são homens que souberam viver a partir da sabedoria da cruz. *in Voz Portucalense*

+++++

Já no Tempo Comum, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -**, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Zacarias 12,10-11;13,1

Eis o que diz o Senhor:

**«Sobre a casa de David e os habitantes de Jerusalém
derramarei um espírito de piedade e de súplica.**

**Ao olhar para Mim, a quem trespassaram,
lamentar-se-ão como se lamenta um filho único,
chorarão como se chora o primogénito.**

**Naquele dia, haverá grande pranto em Jerusalém,
como houve em Hadad-Rimon, na planície de Megido.**

**Naquele dia, jorrará uma nascente para a casa de David
e para os habitantes de Jerusalém,
a fim de lavar o pecado e a impureza.**

CONTEXTO

Pelos dados que nos é possível apurar, a partir do livro que a tradição lhe atribui, o profeta Zacarias, filho de Baraquias (cf. Zc 1,1.7), exerceu a sua missão profética em Jerusalém, no pós-exílio, na época do rei persa Dario. A missão de Zacarias prolongou-se por cerca de dois anos (entre 520 e 518 a.C.). Foi contemporâneo do profeta Ageu. Teve um papel preponderante na reconstrução do Templo de Jerusalém, juntamente com Ageu (cf. Esd 5,1; 6,14). Na linha dos grandes profetas, prega a conversão, formula exigência éticas, critica o culto vazio e injusto. Refere-se à vinda de um enviado, a que chama “Gérmen” (cf. Zc 3,8), através do qual Deus afastará a iniquidade do país “num único dia”. O Templo irá ser reconstruído (cf. Zc 1,16-17), a Terra será purificada e Jerusalém voltará a ser a cidade onde Deus reside no meio do seu Povo.

No entanto, a mensagem “deste” Zacarias apareceria apenas nos cap. 1 a 8. Os cap. 9 a 14 parecem ser uma outra coleção de textos, que provêm de um ou, mais provavelmente, de vários autores tardios. Costuma falar-se deste conjunto de textos usando a designação “Deutero-Zacarias”.

Alguns situam este bloco na época de Alexandre Magno (332-300 a. C.).

O texto que nos é proposto como primeira leitura neste décimo segundo domingo comum integra o bloco do Deutero-Zacarias (cf. Zc 9,1-14,21). Mais especificamente, faz parte de um conjunto de oráculos (cf. Zc 12,1-14,21) que se referem à salvação e glória de Jerusalém. *in Dehoniano*

INTERPELAÇÕES

- Não é fácil determinar, a partir do texto de Zacarias, quem é esse misterioso “trespassado” de cuja morte o povo de Judá é responsável. No entanto, essa figura faz-nos pensar em tantos e tantos “profetas” que, ao longo dos séculos, têm dado testemunho da verdade de Deus no mundo e que, por causa do seu testemunho incómodo, são incompreendidos, contestados, ridicularizados, condenados e até mesmo assassinados. Em muitos casos, só tarde de mais os homens conseguem perceber a verdade das palavras e do testemunho desses arautos de Deus. Até na comunidade cristã temos por vezes dificuldade em perceber que essas figuras incómodas que abalam a nossa “ordem”, que põem em causa as nossas certezas e seguranças, que mexem com a nossa “fé” certinha e morna, muitas vezes são-nos enviados por Deus para nos pedir uma maior fidelidade ao Evangelho. Conhecemos figuras destas? Como as tratamos e como acolhemos as suas

interpelações? Deixamo-nos questionar pelos desafios que elas nos trazem, mesmo quando isso põe em causa o estilo de vida que levamos e os valores sobre os quais assentamos a nossa existência?

- No texto de Zacarias, Deus parece identificar-se com este “trespassado” (“ao olhar para Mim, a quem trespassaram”). Os que trataram mal o “profeta” trataram mal a Deus; os que ignoraram o “profeta” ignoraram o próprio Deus; os que rejeitaram o “profeta” rejeitaram o próprio Deus. Temos consciência de que recusar os desafios que o “profeta” nos traz é recusar as propostas e as indicações do próprio Deus? Por outro lado, a identificação de Deus com o “profeta” significa que este nunca estará só face ao ódio do mundo. Deus está do lado dele e fará com que a maldade, a mentira e a morte não tenham a última palavra. Acreditamos que o testemunho profético, mesmo quando cumprido na dor e na incompreensão, não é um fracasso, mas é fonte de vida nova para os homens e para o mundo?
- Quem, é chamado a ser “profeta”? Todos os homens e mulheres a quem Deus pede que sejam no mundo testemunhas do Bem e da Verdade. Isto inclui naturalmente todos aqueles que, no dia do seu batismo, foram ungidos com o óleo do Crisma e constituídos “profetas” à imagem de Jesus. Eles receberam, nesse dia, a missão de serem no mundo sinais de Deus, da verdade de Deus, da luz de Deus. Como temos “cumprido” e vivido a nossa missão profética? Na fidelidade e no compromisso, ou na preguiça e no comodismo? No medo que paralisa, ou na inquebrantável confiança no Deus que está ao nosso lado? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 62 (63)

Refrão: A minha alma tem sede de Vós, meu Deus.

Senhor, sois o meu Deus: desde a autora Vos procuro.

A minha alma tem sede de Vós.

Por Vós suspiro,

como terra árida, sequiosa, sem água.

**Quero contemplar-Vos no santuário,
para ver o vosso poder e a vossa glória.**

A vossa graça vale mais que a vida:

por isso os meus lábios hão de cantar-Vos louvores.

Assim Vos bendirei toda a minha vida

e em vosso louvor levantarei as mãos.

Serei saciado com saborosos manjares

e com vozes de júbilo Vos louvarei.

Porque Vos tornastes o meu refúgio,

exulto à sombra das vossas asas.

Unido a Vós estou, Senhor,

a vossa mão me serve de amparo.

LEITURA II – Gálatas 3,26-29

Irmãos:

Todos vós sois filhos de Deus

pela fé em Jesus Cristo,

porque todos vós, que fostes batizados em Cristo,

fostes revestidos de Cristo.

Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre,

não há homem nem mulher;

todos vós sois um só em Cristo Jesus.

Mas, se pertenceis a Cristo,

sois então descendência de Abraão,

herdeiros segundo a promessa.

CONTEXTO

Os gálatas eram um povo de origem céltica que, nos começos do séc. III a.C., se dirigiu para oriente, atravessou a Macedónia e chegou à Ásia Menor (atual Turquia). Depois de algumas vicissitudes, os gálatas fixaram-se nos planaltos da Anatólia, no coração da Ásia Menor, na região de Ancira (atual Ancara), que se tornou a capital do reino gálatas. Em 189 a.C., os gálatas instalados nessa região foram derrotados pelos romanos; mas foi-lhes concedida ampla autonomia. O rei Gálatas Amintas, ao morrer (ano 25 a.C.), legou a Roma os seus territórios. Desde então, a Galácia ficou sendo província romana.

O livro dos Atos dos Apóstolos refere-se a mais do que uma passagem de Paulo na região da Galácia. No decurso da sua primeira viagem apostólica, Paulo evangelizara já o sul da província romana da Galácia: Pisídia, Licaónia, Frígia (cf. At 13,14-25); mas foi nas suas segunda e terceira viagem missionária que ele passou pelo norte da região da Galácia (cf. At 16,6; 18,23).

A Carta aos Gálatas sugere que o apóstolo, ao atravessar a Galácia, se deteve algum tempo na região, afetado por um problema de saúde (cf. Gl 4,13). Acolhido pela generosa hospitalidade das gentes da região, Paulo anunciou-lhes o Evangelho. Do anúncio de Paulo nasceram diversas comunidades cristãs. No entanto, Paulo não teve então oportunidade de ficar entre os gálatas muito tempo, deixando-lhes uma preparação cristã incipiente. Teria sido no decurso da sua terceira viagem missionária que Paulo escreveu aos gálatas, instruindo-os sobre diversas questões da fé. Estaríamos aí pelos anos 56-57, pouco antes da redação da Carta aos Romanos.

O que é que motivou Paulo a escrever esta carta? O apóstolo soube, a dada altura, que alguns pregadores cristãos tinham passado nas comunidades cristãs da Galácia e deixado um rasto de confusão. Por aquilo que Paulo diz na Carta, percebe-se perfeitamente que se trata de “judaizantes”: cristãos de origem judaica que procuravam impor a prática da Lei de Moisés (cf. Gl 3,2; 4,21; 5,4) e, em particular, a circuncisão (cf. Gl 2,3-4; 5,2; 6,12). Esses “judaizantes” condenavam Paulo e afirmavam que ele não estava em comunhão com os outros apóstolos.

Paulo estava convencido de que a circuncisão não era importante para a adesão a Cristo. A Lei moisaica tinha sido superada pela novidade de Jesus Cristo. Os gálatas não deviam deixar-se enganar por aqueles que queriam impor-lhes a observância da Lei de Moisés. Paulo avisa que, tanto os ritos judaizantes, como os rituais laxistas do paganismo, apenas prenderão os gálatas numa escravatura da qual Cristo já os tinha libertado. O tom de Paulo é firme e veemente: era a liberdade dos gálatas que estava em causa.

O texto que a liturgia deste domingo nos propõe como segunda leitura integra a segunda parte da Carta aos Gálatas (cf. Gl 2,15-4,31). Nesta secção, Paulo desenvolve o tema central da carta: a salvação chega-nos por Jesus Cristo, que deu a sua vida para libertar os homens do pecado. Quem salva é Cristo e não a Lei.

Nos versículos que antecedem o nosso texto, Paulo comparara a Lei a um “carcereiro” (cf. Gl 3,23) e a um “pedagogo” greco-romano (cf. Gl 3,24). Estas duas imagens são bem elucidativas: o carcereiro da época era, com muita frequência, exemplo de crueldade; o pedagogo (geralmente um escravo pouco instruído que acompanhava a criança à escola e a mantinha disciplinada) também não era muito apreciado e evocava a imagem de reprimendas e castigos. É verdade, considera Paulo (cf. Gl 3,25), que é melhor ser conduzido pela mão do que perder-se no caminho; mas seria uma estupidez aspirar a viver sempre no cárcere ou considerar como um ideal ser sempre conduzido pela mão de um tutor, sem experimentar a liberdade. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- O que é um “cristão”? É alguém cujo nome consta do livro de registos de batismo de uma determinada paróquia? É alguém que, uma vez por semana, no “dia do Senhor”, “assiste” à eucaristia e depois considera a sua vivência cristã “arrumada” por toda a semana? É alguém que “cumpre” regularmente os mandamentos da Igreja? É alguém com ligação direta a alguns “santinhos” que são a grande referência da sua fé? Para Paulo, o “cristão” é simplesmente aquele que, no dia do seu batismo, se “revestiu” de Cristo e nunca mais despiu essa “veste”; é aquele que faz de Cristo a sua referência: vive de Cristo e em comunhão com Cristo, escuta as palavras de Cristo, caminha ao ritmo de Cristo, cultiva os valores de Cristo, faz da vida um dom de amor a Deus e aos homens, como Cristo fez. Como é que eu sou “cristão”? Que lugar ocupa Jesus Cristo no quadro da minha fé?
- “Revestir-se de Cristo” é libertar-se de tudo aquilo que nos torna escravos: o egoísmo, o orgulho, a autossuficiência, a ganância, o comodismo, a ambição desmedida, a violência, o ódio, as más ações... Numa das suas cartas, Paulo convida os cristãos a despirem-se “do homem velho, com as suas ações”, e a revestirem-se “do Homem novo”, isto é, o homem que vive revestido “de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência” (Cl 3,9-12). De que estamos vestidos? Aqueles que caminham ao nosso lado e que lidam connosco a cada instante, que dizem de nós? Reconhecem Cristo em nós, no que fazemos, no que dizemos, no que sentimos, no que testemunhamos?
- A identificação com Cristo faz de todos os batizados iguais em dignidade. Na comunidade de Jesus, portanto, não faz sentido qualquer tipo de discriminação. “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem ou mulher”; todos são “um só em Cristo Jesus”. Nós cristãos temos sabido tirar as consequências deste facto? Como acolhemos os mais humildes, os estrangeiros, os divorciados recasados, os desprezados, os sem voz e sem vez na sociedade ou nas Igrejas? Como acolhemos e como integramos os “diferentes”, aqueles que têm vidas consideradas “irregulares”, aqueles que a sociedade condena? A nossa comunidade cristã é uma casa “de todos” e “para todos”?

- Paulo, por diversas vezes, entrou em polémica com os cristãos de origem judaica que viviam agarrados a práticas herdadas da lei de Moisés e que consideravam que, sem elas, ninguém podia ter acesso à salvação. Para Paulo, a salvação era um puro dom de Deus, oferecido aos homens através de Jesus Cristo; e, na vivência da fé, ficar agarrado a hábitos enraizados, a preconceitos descabidos, a tradições datadas, a rituais obsoletos, era algo que não fazia sentido nem ajudava a viver a fé como uma experiência de liberdade e de vida plena. Como é que Paulo consideraria hoje algumas das nossas formas de viver a fé, algumas das nossas práticas de piedade, algumas das nossas tradições religiosas? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Lucas 9,18-24

Um dia, Jesus orava sozinho, estando com Ele apenas os discípulos.

Então perguntou-lhes:

«Quem dizem as multidões que Eu sou?»

Eles responderam:

«Uns, João Baptista; outros, que és Elias; e outros, que és um dos antigos profetas que ressuscitou».

Disse-lhes Jesus:

«E vós, quem dizeis que Eu sou?»

Pedro tomou a palavra e respondeu:

«És o Messias de Deus».

Ele, porém, proibiu-lhes severamente de o dizerem fosse a quem fosse e acrescentou:

«O Filho do homem tem de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas; tem de ser morto e ressuscitar ao terceiro dia».

Depois, dirigindo-Se a todos, disse:

«Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo,

tome a sua cruz todos os dias e siga-Me.

Pois quem quiser salvar a sua vida, há de perdê-la; mas quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á».

CONTEXTO

O episódio que o Evangelho deste domingo nos apresenta é comum aos três Sinóticos. Mateus e Marcos situam-no na região de Cesareia de Filipe (cf. Mt 16,13-20; Mc 8,27-30), a cidade construída por Herodes Filipe no início da era cristã, localizada no Norte da Galileia, no sopé do Monte Hermon, junto de uma das nascentes do rio Jordão (na zona da atual Bânicas); Lucas, contudo, não se preocupa em indicar o lugar geográfico onde decorreu este diálogo entre Jesus e os discípulos. Refere somente que Jesus tinha ido orar e que os discípulos estavam com Ele.

Estamos na fase final da etapa da Galileia. Até agora Jesus tinha andado pelas vilas e aldeias da Galileia a cumprir o seu programa e a levar a Boa Nova aos pobres, aos marginalizados, aos oprimidos (cf. Lc 4,16-21). Rodeavam-no alguns discípulos, gente que se tinha encontrado com Ele, que tinha escutado o seu anúncio do Reino de Deus e que tinha decidido embarcar nessa aventura.

Cumprida a etapa da Galileia, o projeto devia avançar para uma nova fase. Jesus tinha agora a intenção de se dirigir a Jerusalém e de enfrentar as autoridades judaicas. Era em Jerusalém que tudo se ia decidir; era lá que se consumaria o êxito ou o fracasso do Reino.

Antes de começar a caminhar para Jerusalém, Jesus questiona os discípulos. Depois de tudo o que tinham testemunhado, que pensavam eles de Jesus e do seu projeto? Como é que eles viam Jesus? Estariam disponíveis para O seguir até Jerusalém e para ficar ao lado d'Ele quando chegasse o momento de enfrentar a cruz? *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Quem é Jesus? Como é que os homens do séc. XXI o veem? Muitos dos nossos contemporâneos – crentes, agnósticos ou mesmo ateus – veem em Jesus um homem bom, generoso, atento aos sofrimentos dos outros, que sonhou com um mundo diferente; outros veem em Jesus um admirável

“mestre” de moral, que tinha uma proposta de vida “interessante”, mas que não conseguiu impor os seus valores; alguns veem em Jesus um admirável condutor de massas, que acendeu a esperança nos corações das multidões carentes e órfãs, mas que passou de moda quando as multidões deixaram de se interessar pelo fenómeno; outros, ainda, veem em Jesus um revolucionário, ingénuo e inconsequente, preocupado em construir uma sociedade mais justa e mais livre, que procurou promover os pobres e os marginais e que foi eliminado pelos poderosos, preocupados em manter o “status quo”. Que achamos destas “visões” sobre Jesus? Consideramo-las redutoras, ou exatas? Jesus terá sido apenas um “homem” que deixou a sua pegada na história humana, como tantos outros que a história absorveu e digeriu?

- “E vós, quem dizeis que Eu sou?” – perguntou Jesus diretamente aos seus discípulos nos arredores de Cesareia de Filipe. É uma pergunta decisiva, que deve ecoar, de forma constante, nos ouvidos e no coração dos discípulos de Jesus de todas as épocas. A nossa resposta a esta questão não pode ficar-se pela repetição papagueada de velhas fórmulas que aprendemos na catequese, ou pela reprodução impessoal de uma definição tirada de um qualquer tratado de teologia. A questão vai dirigida ao âmago do nosso ser e exige uma tomada de posição pessoal, um pronunciamento sincero, sobre a forma como Jesus toca a nossa vida. A resposta a esta questão é o passo mais importante e decisivo na vida de cada cristão. Quem é Jesus para nós? Que lugar ocupa Ele na nossa existência? Que valor damos às suas propostas? Que importância assumem os seus valores nas nossas opções de vida? Jesus é, para nós, a grande referência, o vetor à volta do qual o nosso mundo se constrói? Ele é para nós, de facto, “caminho, verdade e vida”?
- Jesus veio ter connosco para concretizar os planos do Pai e propor aos homens – através do amor, do serviço, do dom da vida – o caminho da salvação. Plenamente identificado e conformado com o projeto do Pai, Jesus não dá mostras de querer fugir ao seu destino de cruz; dispõe-se, com consciência plena do que O espera, a caminhar para Jerusalém, a enfrentar as autoridades civis e religiosas, a dar a própria vida para que seja possível o nascimento do Reino de Deus. Que significado e que lugar ocupam na nossa vida os projetos de Deus? Esforçamo-nos, como Jesus, por descobrir a vontade de Deus a nosso respeito e a respeito do mundo? Mantemo-nos atentos, em cada passo do nosso caminho, a esses “sinais dos tempos” através dos quais Deus nos interpela? Somos capazes de acolher e de viver com fidelidade e radicalidade as propostas de Deus, mesmo quando elas são exigentes e vão contra os nossos interesses e projetos pessoais?
- O que é que faz de nós verdadeiros discípulos de Jesus? Muitos de nós receberam uma catequese que insistia em ritos, em fórmulas, em práticas de piedade, em determinadas obrigações legais, mas que nem sempre punha em relevo o essencial do cristianismo: o seguimento de Jesus. No entanto, a identidade cristã constrói-se à volta de Jesus, do seu Evangelho, da sua proposta de vida. Sentimo-nos verdadeiramente discípulos de Jesus? Estamos disponíveis, de alma e coração, para ir atrás d’Ele no caminho da doação da vida e do amor até às últimas consequências?
- Jesus convida os seus discípulos a renunciarem a si mesmos... O que é “renunciar a si mesmo”? É não deixar que o egoísmo, o orgulho, o comodismo, a autossuficiência, a ambição, a mentira, dominem a nossa vida. O seguidor de Jesus não vive fechado na sua zona de segurança, a olhar para si mesmo, indiferente aos dramas que se passam à sua volta, insensível às necessidades dos irmãos, alheado das lutas e reivindicações dos outros homens; mas vive para Deus e na solidariedade, na partilha e no serviço aos irmãos. Até que ponto estamos disponíveis para renunciar a nós mesmos e para colocar a nossa vida ao serviço do projeto de Deus?
- Jesus também convida os seus discípulos a tomarem a cruz... O que é “tomar a cruz”? É amar até às últimas consequências, até à morte, se for necessário; é gastar cada instante da vida a servir, a amar, a cuidar, a fazer o bem... O seguidor de Jesus é aquele que está disposto a dar a vida para que os seus irmãos sejam mais livres e mais felizes. Por isso, o cristão não tem medo de lutar contra a injustiça, a exploração, a miséria, o pecado, mesmo que isso signifique enfrentar a morte, a tortura, as represálias dos poderosos. Aceitamos tomar cada dia a nossa cruz e a viver para os outros, como Jesus?
- De acordo com o testemunho de Lucas, Jesus mantinha um diálogo frequente e próximo com o Pai. Era nesses momentos de oração que Ele sentia especialmente o amor do Pai, tomava consciência do projeto do Pai e adquiria a força para obedecer incondicionalmente ao Pai. É na oração que nós procuramos perceber a vontade de Deus e encontrar o caminho do amor e do dom da vida? Nos momentos das decisões importantes da nossa vida, sentimos a necessidade de dialogar com Deus e de escutar o que Ele tem para nos dizer? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

Embora breves, as leituras deste Domingo não devem permitir que se descuide a sua preparação, mas, pelo contrário, exigem um acurado cuidado para uma adequada proclamação.

Na **primeira leitura**, o Senhor dirige-se ao Seu Povo por meio do profeta. É o anúncio de que o dia de pranto e lamento será também o dia em que Deus irá lavar o pecado do Seu Povo. Por isso, a proclamação deste texto deve ser marcada pelo tom profético de anúncio deste dia tremendo e glorioso.

A **segunda leitura** exige uma leitura pausada e uma especial atenção às pausas e respirações. Além disso, neste curto texto, a palavra Cristo aparece por cinco vezes. Na proclamação de um texto, as repetições devem ser valorizadas pois é intencional a sua colocação.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)